

Cristianismo nos séculos XI e XII

SÉCULO XI

1054 – A GRANDE DIVISÃO ENTRE IGREJA ORIENTAL E OCIDENTAL

Vagarosamente afastava-se a Igreja em seus extremos geográficos;

Algumas diferenças separavam as instituições:

O Oriente usava o Grego e o Ocidente o Latim;

Haviam diferenças na forma da missa, no pão utilizado e nas datas da quaresma;

No Oriente o Clero podia se casar e utilizava barba;

No Ocidente era obrigatória a castidade aos clérigos;

O Oriente não aceitava a idéia de purgatório;

Ocidente dizia que o Espírito Santo advinha do Filho.

Em 1043 Miguel Cerulário tornou-se patriarca de Constantinopla;

1049 Leão IX tornou-se papa;

Leão IX queria que Miguel se submetesse a Roma e enviou homens a Constantinopla com essa finalidade, porém Miguel negou-se a recebê-los;

Assim, o Ocidente Excomungou Miguel e este, por sua vez excomungou Leão IX;

Ambos afirmaram que o outro não era um cristão verdadeiro.

Assim, uma Igreja não reconhecendo a outra, tornaram-se separadas. Este foi o Cisma.

1073 – GREGÓRIO VII EMPREENDE REFORMAS NA IGREJA ROMANA.

Citar Gonzalez:

“Quando ascendeu ao papado Hildebrando tomou o nome de Gregório VII, e imediatamente tomou as primeiras medidas visando a re:alização dos seus ideais. De Constantinopla vieram petições para que ele auxiliasse a igreja do Oriente, assediada pelos turcos seljúcidas. Gregório viu nisto uma oportunidade de estreitar os vnculos com os cristãos orientais, e talvez estender a autoridade romana para o Oriente. Em sua corres–pondência da

época podemos ver que ele sonhava com um grande empreendimento militar, no estilo das cruzadas que começariam pouco tempo depois, com o propósito de derrotar os turcos e conquistar a grande cidade de Constantinopla. Porém na Europa ninguém respondeu ao seu chamado, mesmo quando o papa, como recurso extremo, se ofereceu para comandar as tropas pessoalmente. Em pouco tempo Gregório teve de abandonar o projeto.

Na Espanha a situação era parecida. Como veremos mais adiante, era a época da reconquista das terras que por quase quatro séculos estiveram dominadas pelos mouros. Na França havia nobres que olhavam com cobiça para as terras ibéricas, e que queriam participar da reconquista para se apossar delas. Com o propósito de dar apoio legal à sua empresa alguns destes nobres argumentavam que a Espanha pertencia a São Pedro, e que, por isto, era em nome do papado, e com vassalos seus, que empreendiam a reconquista. Gregório incentivou estas pretensões, mas o resultado foi nenhum, pois por diversas razões as intenções francesas na Espanha não foram concretizadas.

Frustrado em seus projetos tanto no Oriente como na Espanha, Hildebrando dedicou todos seus esforços à reforma da igreja. Para ele, como para os papas que o tinham precedido, esta reforma deveria começar pelo clero, e seus dois objetivos iniciais eram abolir a simonia e instituir o celibato eclesiástico. Na quaresma de 1074 um concílio reunido em Roma voltou a condenar a compra e venda de cargos eclesiásticos e o casamento dos clérigos. Isto não era novidade, pois desde o tempo de Leão IX os decretos contra a simonia e o casamento tinham se sucedido quase ininterruptamente. Gregório, porém, adotou medidas novas, com que queria conseguir que seus decretos fossem obedecidos. A primeira foi proibir ao povo assistir aos sacramentos administrados por simoníacos. A segunda consistiu em nomear legados papais que viajaram por diversos territórios da Europa, convocando sínodos e procurando de diversas maneiras fazer com que os decretos papais fossem cumpridos ao pé da letra. Todos estes acontecimentos convenceram Gregório que era necessário continuar o processo de centralização eclesiástica que seus predecessores tinham começado. Até então os bispos

metropolitanos tinham tido certa independência, e a autoridade papal tinha sido mais nominal que real. Tendo em vista a oposição geral aos decretos de reforma, Hildebrando chegou à conclusão que era necessário aumentar a autoridade papal, a fim de que suas ordens fossem obedecidas. Em consequência, sob seu pontificado as pretensões da sede romana chegaram a um nível sem precedentes. Se bem que Gregório nunca chegou a promulgar todas as suas opiniões com respeito ao papado, estas estão registradas em um documento de 1075. Nele Gregório afirma não só que a igreja romana foi fundada pelo Senhor, e que seu bispo é o único que pode receber o título de "universal", mas também que o papa tem autoridade para julgar e depor os bispos; que o Império lhe pertence, de tal modo que é ele quem tem o direito de outorgar as insígnias imperiais, assim como de depor o imperador; que a igreja de Roma nunca errou nem pode errar; que o papa pode declarar nulos os juramentos de fidelidade feitos por vassallos a seus senhores; e que qualquer papa legítimo, somente pelo fato de ocupar a cátedra de São Pedro, e em virtude dos méritos deste apóstolo, é santo.” p.26 – 30

1095 – PAPA URBANO II PROPÕE A PRIMEIRA CRUZADA;
As peregrinações: uma situação problemática.

Cito Gonzalez:

“Desde o século IV as peregrinações até a Terra Santa tinham ficado cada vez mais populares. Já antes surgira o costume de visitar os túmulos dos mártires no aniversário da sua morte. Agora o Império era cristão, e era possível fazer peregrinações mais longas, até a Terra Santa ou Roma, onde descansavam os restos mortais de São Pedro e São Paulo. A mãe de Constantino, Helena, creu ter descoberto em Jerusalém os restos da "vera cruz". Esta descoberta, e as basílicas que ela e vários imperadores mandaram construir, aumentaram a fascinação dos cristãos pela Terra Santa. Ao mesmo tempo vários dos "gigantes" a que dedicamos nosso segundo volume atacaram as peregrinações, dizendo que se tratava de superstição, e que em todo caso havia mais mérito em ficar em casa e fazer o bem do que marchar até algum distante lugar por motivos religiosos.

Apesar desta oposição, durante a "era das trevas" as peregrinações ficaram cada vez mais populares. Não demorou e elas foram consideradas como uma forma de penitência adequada para certos pecados. Em alguns documentos do século VII vemos-as incluídas entre as penitências que é lícito impor a um pecador. Mesmo havendo outros lugares de peregrinação, o de maior prestígio, tanto pela distância como por sua importância histórica, naturalmente era a Terra Santa.

Quando os árabes tomaram os lugares sagrados do cristianismo, algumas pessoas temeram que as peregrinações à Terra Santa seriam dificultadas sobremaneira. Mas os governantes árabes em sua maioria se mostraram extremamente benevolentes para com os peregrinos cristãos, que continuaram afluindo para Jerusalém e os lugares santos. Como muitas vezes os mares não eram seguros, por causa da pirataria, a rota mais comum dos peregrinos do Ocidente os levava primeiro até Constantinopla, e dali por terra, através da Anatólia e da Síria, até Jerusalém.” p.48

Veja abaixo, na íntegra o Discurso de Urbano II para convocar os Francos a lutarem ao lado dos Cruzados:

“Ó Francos, de quantas maneiras Nosso Senhor os abençoou? Vejam quão férteis são suas terras. Quão verdadeira é sua fé. Quão indisputável é sua coragem. A vocês, abençoados homens de Deus, dirijo essas palavras. E que não sejam levadas levemente, pois são expressas pela Santa Igreja, que, pelo sagrado pacto com Nosso Senhor, é Sua santíssima voz na terra. Vós que sois justos e bons, vós que brilhais em santa fé escutai. Que saibam de justa e grave causa que nos reúne hoje aqui, sob o mesmo teto, na piedade de Nosso Senhor. Relataremos fatos horríveis. Ouvimos sobre uma raça de homens saídos de presença profana e falta de fé. Turcos, Persas, Árabes, amaldiçoados, estranhos a nosso Deus, que devastam por fogo ou espada as muralhas de Constantinopla, o Braço de São Jorge. Até hoje, por misericórdia do Supremo, Constantinopla foi nossa pedra, nosso bastião de fé em território infiel. Agora essa sagrada cidade encontra-se desfigurada, ameaçada. Quantas igrejas esses inimigos de Deus poluíram e destruíram? Ouvimos de altares e relíquias sendo dessecrados por sujeira produzida por corpos Turcos. Ouvimos sobre verdadeiros crentes sendo circuncidados e

o sangue desse ato sendo vertido em pias batismais. O que podemos dizer a vocês? Turcos transformam solo sagrado em estábulo e chiqueiro, expelem o conteúdo de seus fétidos e putrefatos corpos em vestimentas dos emissários da palavra de Nosso Senhor. Os descrentes forçam Cristãos a ajoelhar sobre essas roupas imundas, curvar as cabeças e esperar o golpe da espada. Essas vestes, que através da imundície e sangue são testemunhas de aberrações na falta da verdadeira fé, são exibidas junto com corpos dos mártires. O que mais devemos lhes dizer, ó fieis? Turcos abusam de mulheres Cristãs. Turcos abusam de crianças Cristãs. Pensem nos peregrinos da fé que cruzam o mar, obrigados a pagar passagem em todos os portões e igrejas de todas as cidades. Quão freqüente esses irmãos no sangue do Cristo passam por humilhações e falsas acusações? Aqueles que crêem em pobreza, como são recebidos nesses lugares de nenhuma fé? São vasculhados em busca de moedas escondidas. As calosidades em seus joelhos, causadas pelo ato de fé ao Nosso Senhor, são abertas por lâminas. Aos fiéis são dadas bebidas de natureza vomitória para que sejam vasculhadas suas emissões estomacais. Após isso são ainda obrigados a sorver excremento liquefeito de bodes e cabras de forma a esvaziar suas entranhas. Se nada for encontrado que satisfaça essas crias infernais, ó fieis, escutem. Turcos abrem com lâmina da espada as barrigas dos verdadeiros seguidores, em busca de peças de ouro ingeridas e assim escondidas. Espalham e retalham entranhas mostrando assim o que a natureza manteria secreto. Tudo a procura de riquezas ou por prazer insano. Turcos perfuram os umbigos dos fiéis, amarram suas tripas a estacas e afastam os Cristãos, prendendo-os com cordas a outro poste, de forma a que vejam suas próprias entranhas endurecendo ao sol, apodrecendo e sendo consumidas por corvos e vermes. Os Turcos perfuram irmãos na fé com setas, fazem dos mais velhos alvos móveis para seus malditos arcos. Queimam os braços e pernas dos mártires até o negro e soltam cães famintos para os devorar, ainda vivos. Ó Francos, o que dizer? O que mais deve ser dito? A quem, pois, deve ser dirigida a tarefa de vingança tão santa quanto a espada de São Miguel? A quem Nosso Senhor poderia confiar tal tarefa senão aos seus mais abençoados e fiéis filhos? Ó Francos, vocês

não são habilidosos cavaleiros? Poderosos guerreiros na palavra de Deus? Próximos a São Miguel na habilidade de expurgar o mal pela espada? Dêem um passo a frente! Não mais levantarão as espadas entre si, ceifando vidas e pecando contra A palavra. Aproximem-se guerreiros abençoados. Os que dentre vocês roubaram tornem-se agora soldados, pois a causa é suprema. Aqueles que cultivam mágoas juntem-se aos seus causadores, pois a irmandade é essencial ao objetivo. Aproximem-se os que desejam vida eterna, aproximem-se os que desejam absolvição no sagrado.

Saibam que Nosso Senhor espera seus filhos em lugar abençoado. Na palavra do Santíssimo seguirão e combaterão, não deixem que obstáculos os parem, creiam Na palavra e nada os deterá. Deixem todas as controvérsias para trás! Unam-se e acreditem! Não permitam que posses ou família os detenham. Lembrem-se das palavras de Nosso Salvador, “Aquele que abandonar sua morada, família, riqueza, títulos, pai ou mãe pelo meu nome, receberá mil vezes mais e herdará a vida eterna”. Se os Macabeus dos tempos de outrora conquistaram glória pela sua luta de fé, da mesma forma a chance é ofertada a vocês. Resgatem a Cruz, o Sangue e a Tumba. Resgatem o Gólgota e santifiquem o local.

No passado vocês não lutaram em perdição? Não levantaram aço contra iguais? Orgulho, avareza e ganância não foram suas diretivas? Por isso vocês merecem a danação, o fogo e a morte perpétua. Nosso Senhor em sua infinita sabedoria e bondade oferece aos seus bravos, porém desvirtuados filhos, a chance de redenção. A recompensa do sagrado martírio. Ó Francos, ouçam! Deixem a chama sagrada queimar em seus corações! Levem justiça em nome do Supremo! Francos! A Palestina é lugar de leite e mel fluindo, território precioso aos olhos de Deus. Um lugar a ser conquistado e mantido apenas pela fé. Pois chamamos por suas espadas! Lutem contra a amaldiçoada raça que avilta a terra sagrada, Jerusalém, fértil acima de todas outras. Glorifiquem suas peregrinações para o centro do mundo, consagrem-se em Sua paixão! Alcancem a redenção pela Sua morte! Glorificado pelo Seu túmulo! O caminho será longo, a fé no Onipotente tornar-lhe-á possível e frutífera. Não temam Francos! Não temam tortura, pois nela reside a glória do martírio! Não temam a morte, pois

nela reside a vida eterna! Não temam dor, pois serão resignados! Os anjos apresentarão suas almas a Deus, o Santíssimo será glorificado pelos atos de seus filhos! Vejam a sua frente aquele que é voz de Nosso Senhor! Sigam Sua presença e palavras eternas! Marchem certos da expiação de seus pecados, na certeza da glória imortal. Deixem as hordas do Cristo Rei se atracar com o inimigo! Os anjos cantarão suas vitórias! Que os conhecedores Da palavra entrem em Jerusalém portando o estandarte de Nosso Senhor e salvador! Que o símbolo da fé seja mostrado em vermelho sobre o imaculado branco, pureza e sofrimento expressados! E que Sua palavra se faça ouvida como retumbante trovão, trazendo medo e luz para os infiéis! Que agora o exército do Deus único grite em glória sobre os Seus inimigos!”

“Louvado seja o Senhor meu Deus!” Gritaram as centenas de cavaleiros Francos reunidos no campo de Clermont.

Cito Curtis:

“A partir de 1088, um francês, que passou a ser conhecido por Urbano 11, assumiu o cargo máximo da igreja. Seu papado foi marcado por disputas com o rei alemão Henrique IV—uma continuação, infrutífera, das políticas reformista de Gregório VII. O novo papa não estava plenamente disposto a continuar essa batalha. Em vez disso, queria unir toda a cristandade. Quando o imperador AI e ixo de Constantinopla apelou ao papa, pedindo ajuda para lutar contra os turcos muçulmanos, Urbano percebeu que um inimigo comum poderia ajudar a alcançar seu objetivo. Pouco importava que o papa tivesse excomungado o patriarca de Constantinopla e que os católicos e os ortodoxos do Oriente não fizessem parte de uma única igreja. Urbano buscava obter o controle sobre o Oriente, enquanto encontrava distração para os príncipes briguentos do Ocidente.

Em 1095, Urbano convocou o Concílio de Clermont. Ali, ele pregou um sermão inspirador: "Uma horrível notícia está sendo propagada [...] uma raça amaldiçoada e totalmente alienada de Deus [...] invadiu as terras dos cristãos e os expulsou por meio da espada, da pilhagem e do fogo". Ele fez o seguinte apelo: "Devemos retomar as terras da mão destes infiéis”

"Deus vult! Deus vult!" ["Deus deseja isso!"], gritava a multidão. E esse se tornou o grito de guerra das Cruzadas.

À medida que os representantes do papa atravessavam a Europa, recrutando cavaleiros para ir à Palestina, recebiam entusiásticas reações dos guerreiros franceses e dos italianos. Muitos foram motivados por objetivos religiosos, mas, sem dúvida, outros se engajaram em função do ganho econômico e da aventura de recapturar os locais de peregrinação da Palestina, que haviam caído nas mãos dos muçulmanos.

Provável que os guerreiros se sentissem virtuosos ao assassinar um inimigo não-cristão. A matança dos árabes que tomaram a Terra Santa cristã poderia parecer um ato de serviço a Deus. Para encorajar as Cruzadas, Urbano e os outros papas, os que vieram depois dele, enfatizaram os "méritos" espirituais da guerra contra os muçulmanos. Arrancando uma página do Alcorão, Urbano assegurou que os guerreiros que experimentassem essa penitência entrariam no céu diretamente - ou, pelo menos teriam uma redução no tempo que passariam no purgatório.

Em seu caminho para a Terra Santa, os cruzados pararam em Constantinopla. O tempo que passaram ali mostrou uma coisa: a união entre o Oriente e o Ocidente continuava improvável. O imperador via os guerreiros vestidos de malhas de ferro como ameaça a seu trono. Quando os cruzados descobriram que Aleixo fizera tratados com os turcos, sentiram que esse "traidor" negara a primeira parte de sua missão: expulsar os turcos de Constantinopla.

Com provisões fornecidas pelo imperador, o exército se encaminhou para o sul e para o leste, capturando as cidades de Antioquia e Jerusalém. Depois da vitória na Terra Santa, houve um banho de sangue. "Não faça prisioneiro algum", era a tática que os cruzados usavam. Um observador apaixonado escreveu que os soldados "cavalgavam com sangue chegando a altura de suas rédeas".

Depois de estabelecer o Reino Latino de Jerusalém e indicar Godofredo de Bouillon como seu governador, eles saíram da defensiva para a ofensiva. Começaram a construir novos castelos, alguns dos quais permanecem até hoje.

Nos anos que se seguiram, novas ordens religiosas com características militares e monásticas, foram formadas. A mais famosa foi a dos Cavaleiros Templários e a dos Cavaleiros

Hospitalários. Embora essas ordens tivessem sido criadas originariamente para ajudar os cruzados, elas se tornaram organizações militares poderosas que agiam de maneira independente.

A primeira Cruzada seria a mais bem-sucedida. Embora esses esforços militares tivessem sido dramáticos e pitorescos, não conseguiram manter os muçulmanos à distância. Em 1291, as tropas muçulmanas capturaram a cidade de Acre, pondo um fim definitivo às Cruzadas.” p.83 – 84

Tomada de Jerusalém, em 1099.

SÉCULO XII

1147 – A SEGUNDA CRUZADA

Cito Anglin:

“As nossas referências ao século XII ficariam incompletas se deixássemos de falar das outras cruzadas. O ano de 1147 é notável por ser o ano em que teve lugar a segunda cruzada contra os maometanos. Durante bastantes anos o poder dos cruzados na Síria e Palestina vinha diminuindo cada vez mais, e os soldados da cruz, como lhes chamavam, tinham-se entregado a uma vida de luxúria e ociosidade - tentações próprias dos países do Oriente. Os maometanos, aproveitando-se destas circunstâncias, reuniram as suas forças, e depois de embaraçarem os cristãos e de os enfraquecerem consideravelmente com várias escaramuças, conseguiram tomar posse novamente de Edessa e estavam concentrando a sua atenção sobre Antioquia.

Os cruzados, tendo a consciência da sua fraqueza, ficaram deveras alarmados, e enviaram mensagem a Roma implorando socorro; e foi esta a origem da segunda cruzada. O papa Eugênio IV satisfez o pedido, e confiou prudentemente a pregação da cruzada a Bernardo de Clairvaux. Além da muita eloquência do ilustrado abade, tudo quanto ele dizia tinha um grande peso moral que o devia fazer ganhar qualquer causa que advogasse; e a confiança que o papa depositou nele foi bem cabida. O rei da França e o imperador da Alemanha responderam ambos à chamada. Depois de reunirem 900.000 homens em volta da bandeira da cruz, este grande exército dividiu-se em duas partes e

marchou para a Palestina. Mas a infelicidade acompanhou-os em todos os seus passos, e o resultado da empresa foi miserável e humilhante. Só uma pequena parte do exército francês chegou à Terra Santa, e os seus chefes nada puderam fazer devido às invejas e dissensões entre os soldados. No ano de 1149 o resto do exército desbaratado voltou para a Europa, tendo morrido muitos milhares de homens na empresa.” p.149-150

1148 – GRACIANO FORMULA A LEI CANÔNICA DA IGREJA ROMANA

Cito Durant:

“Realmente, o campo que a lei canônica abrangia era maior do que de qualquer outro código civil contemporâneo. Abrangia não somente a estrutura, dogmas e funcionamento da Igreja como também as regras para tratar com os não cristãos em terras cristãs, o processo para a investigação e supressão da heresia e organização das Cruzadas, leis do matrimônio, legitimidade, doações, adultério, divórcio, heranças, regulamentos para as escolas e universidades, juramento, perjúrio, sacrilégio, blasfêmia, simonia, libelo, usura e preço justo, tréguas de Deus e outros meios de limitar a guerra e organizar a paz, direção dos tribunais episcopais e papais, emprego da excomunhão, anátema e interdição, aplicação das penas eclesiásticas, relações entre os poderes civis e eclesiásticos, entre o Estado e a Igreja. Esse vasto corpo da legislação da Igreja aplicava-se a todos os cristãos. A Igreja se reservava o direito de punir qualquer infração com uma variedade de penalidades físicas ou espirituais, salvo o fato de que nenhum tribunal poderia dar uma "sentença de sangue" - isto é, não poderia condenar ninguém à pena capital.” p.674

1179 – MORRE PEDRO WALDO, UM MISSIONÁRIO ESPECIAL.

Citar Anglin:

“Mas a luz mais brilhante desse século foi talvez Pedro Waldo, o piedoso negociante de Lyon. A morte súbita de um amigo despertou-lhe pensamentos sérios, e ele tomou-se um atento leitor das Escrituras Sagradas. Distribuiu seus bens pelos pobres,

dedicou o resto de sua vida a praticar atos piedosos. Um conhecimento mais amplo da Bíblia fez-lhe perceber a corrupção no sistema religioso que então predominava e levou-o por fim a repeli-lo como cristão. Entretanto estava também ansioso por livrar outros do estado tenebroso em que ele também se encontrara havia ainda tão pouco tempo, e começou a andar por um lado e outro, a fim de pregar as riquezas insondáveis de Cristo. Um dos seus adversários, Stephanus de Borbonne, informou-nos que Waldo era aplicado ao estudo dos primeiros ensinadores da igreja e prestava muita atenção à leitura da Bíblia, e por isso tornou-se tão familiar com este livro, que tinha tudo gravado na memória, e determinou procurar aquela perfeição evangélica que distinguiu os apóstolos. Stephanus informa-nos mais que, tendo vendido todos os seus bens, e distribuído aos pobres o dinheiro resultante dessa venda, o piedoso negociante foi por diversos sítios pregando o evangelho e as coisas que sabia de cor, nas ruas e praças públicas. Entre outras coisas contadas pelo mesmo escritor, lemos que reunia à roda de si homens e mulheres de todas as classes, mesmo das mais humildes, e confirmando-os no conhecimento do Evangelho mandava-os pelos países vizinhos para pregarem. Mas os passos que Waldo deu para a tradução dos Evangelhos em língua vulgar serão sempre considerados como a sua maior obra. Sem isto nunca poderia ter mandado para fora do país, com palavras de vida, os seus discípulos, porque eram ignorantes e as Sagradas Escrituras só se podia obter na língua latina.

A sua fidelidade, porém não podia deixar de ter oposição, e a notícia deste grande fato provocou logo a oposição do Vaticano. Enquanto Waldo se contentou com a insignificante tarefa de reformar a vida do clero, não sofreu grande oposição, mas logo que tirou da bainha aquela terrível arma, a Palavra de Deus, e a colocou nas mãos do povo, declarou-se inimigo de Roma.

Colocar uma Bíblia aberta nas mãos dos leigos era, nem mais nem menos que perturbar os próprios fundamentos do papismo, porque a Palavra de Deus era o maior adversário de Roma. O papa foi por isso muito pronto e decisivo, e mandou publicar uma exco-munhão contra o honrado negociante. Ainda assim, a despeito da bula de Alexandre, Waldo ficou em Lyon mais três

anos, muito ocupado a pregar e distribuir as Sagradas Escrituras, e por este tempo, vendo d papa que ás medidas que tinha adotado não produziam efeito, estentleu as suas ameaças a todos os que estivessem em contãtõ com o herege. Foi então que Waldo, por causa dos seus inimigos, deixou a cidade e durante os quatro anos que ainda viveu foi como peregrino na face da terra, tendo, contudo, sido sempre guardado pela providência de Deus de ser vítima da perseguição de Roma, e morreu de morte natural no ano 1179.” p.141

- A QUESTÃO DO PECADO E DA ÉTICA NA CRISTANDADE NESTE PERÍODO

Cito Durant:

“A Igreja acreditava que aquelas fontes de moralidade naturais ou seculares não eram suficientes para controlar os impulsos que preservam a vida nas selvas, mas que destroem a civilização, ou a ordem na sociedade. Tais impulsos são demasiado fortes' para que possam ser refreados por qualquer autoridade humana que não pode estar em toda a parte ao mesmo tempo, com a sua polícia atemorizadora. Um código profundamente moral que não for congênito à carne deve, para ser obedecido, trazer consigo o selo de urna origem sobrenatural. Deve trazer a sanção e o prestígio divinos a fim de ser respeitado pelo indivíduo, na ausência de qualquer outra força, em todos os momentos e circunstâncias da vida. Até mesmo a autoridade dos pais, tão vital para a moral e a ordem social, desaparece na luta contra os instintos primitivos, a não ser que se apóie na crença religiosa que se inculcou no filho. Para salvar e servir a sociedade, a religião não deve opor aos instintos aquelas diretrizes feitas pelo homem e que possam ser duvidosas, mas sim os imperativos categóricos do próprio Deus. Os mandamentos de Deus (tão pecador e selvagem é o homem) devem ser apoiados não somente pelo louvor e respeito que se rendem para a eles obedecer, tampouco pela infelicidade e penas impostas por infringi-los, mas também pela esperança de se alcançar o céu pela virtude e o temor de ir para o inferno por causa do pecado que não tenha sido punido. Os mandamentos devem vir de Deus e não de Moisés.

A teoria biológica dos instintos primitivos que incapacitavam os homens para a civilização era simbolizada na teologia cristã pela doutrina do pecado original. A semente da concepção hindu do karma, era uma tentativa de explicar um sofrimento aparentemente não merecido: os bons sofriam neste mundo em razão de algum pecado cometido pelos seus antepassados. De acordo com a teoria cristã, toda a raça humana traz em si o pecado de Adão e Eva. Disse Graciano no *Decretum* (ca. 1150), aceito pela Igreja em seus ensinamentos, porém não oficialmente: "Todo ser humano que for concebido pelo coito do homem com a mulher nascerá com o pecado original. ficará sujeito à impiedade e morte e será, portanto, um filho do ódio." 1 Somente a graça divina e a morte redentora de Cristo é que poderiam salvá-lo do mal e do inferno (somente o exemplo do Cristo martirizado poderia redimir o homem da violência, volúpia e ambição, e salvá-la, juntamente com a sociedade, de destruição). Essa doutrina, combinada com as catástrofes da natureza, as quais pareciam inexplicáveis salvo como castigo pelos pecados cometidos, provocou em muitos cristãos medievais a idéia de que já nasciam impuros, depravados e culpados, idéia essa que encheu muitas páginas de sua literatura antes de 1200. Depois disso, até à Reforma, foi diminuindo muito tal concepção de pecado e temor, depois ela surgiu novamente com grande intensidade entre os puritanos.

Gregório I e outros teólogos posteriores citaram sete pecados capitais - orgulho, avareza, inveja, ira, volúpia, gula e preguiça, aos quais opuseram as sete virtudes cardeais: quatro "naturais" ou virtudes pagãs, enaltecidas por Pitágoras e Platão - sabedoria, coragem, justiça e temperança, e três virtudes "teológicas" - fé, esperança e caridade. No entanto, embora aceitasse as virtudes pagãs, o cristianismo jamais as assimilava. Preferia a fé à sabedoria, a paciência à coragem, o amor e perdão à justiça, e a abstinência e pureza à temperança. Enaltecia a humildade, considerando o orgulho (tão preeminente no homem ideal de Aristóteles) o pior de todos os pecados mortais. Uma vez ou outra falava nos direitos do homem, insistia mais em seus deveres, não somente para consigo mesmo mas também para com seus companheiros, a Igreja e Deus. Ao pregar sobre a "delicada e

bondosa figura de Jesus", não se mostrou a Igreja receosa, de que isso transformasse o homem em uma criatura efeminada. De fato, os homens do mundo latino cristão eram mais viris - sem dúvida porque enfrentavam maiores dificuldades - do que os seus modernos beneficiários e herdeiros. (...)

A ética cristã adotava para com os adolescentes uma política de silêncio a respeito do sexo. A maturidade financeira - a capacidade de sustentar a família - vinha muito depois da maturidade biológica, a capacidade de reproduzir. A educação sexual podia agravar as inquietações da abstinência, e a Igreja exigia abstinência pré-nupcial como ajuda para a fidelidade conjugal, ordem social e saúde pública. Contudo, aos 16 anos um jovem da Idade Média já havia provavelmente tido várias experiências de ordem sexual. A pederastia, que o cristianismo atacara fortemente no passado, tomou a surgir com as Cruzadas, com o afluxo de idéias do Oriente e o isolamento unissexual de monges e freiras.⁶ Em 1177, Henrique, abade de Claraval, referindo-se à França, escreveu que "a antiga Sodoma estava surgindo de suas cinzas".⁷ Filipe, o Belo, acusou os Templários de praticarem atos homossexuais. O Penitencial, manual eclesiástico que impunha penitência pelos pecados cometidos, menciona a ocorrência de atos verdadeiramente bestiais. Uma surpreendente variedade de animais recebia tais atenções. Quando se descobriam tais ocorrências, ambos os participantes eram punidos com a morte. Os registros do Parlamento inglês contêm muitos casos em que cães, cabras, vacas, porcos e gansos eram queimados juntamente com seres humanos que neles satisfaziam seus instintos bestiais. Eram numerosos os casos de incesto.

As relações antes do casamento e fora dele já eram cultivadas em grande extensão, tanto quanto no século XX. A natureza promíscua do homem vencia os diques levantados pela legislação secular e eclesiástica. O rapto era ocorrência comum,⁹ não obstante as severíssimas penas. Cavaleiros que serviam damas e jovens aristocráticas para conseguir-lhes um beijo ou tocar-lhes nas mãos, podiam consolar-se com as criadas delas; algumas damas não podiam dormir com a consciência tranqüila enquanto não lhes tivessem proporcionado

essa cortesia. 10 O cavaleiro de La Tour Landry queixou-se da fornicação entre os jovens da aristocracia. Declarou - se é que podemos dar crédito às suas palavras - que alguns homens daquela sociedade fornicavam-se na igreja, até mesmo "junto ao altar". Citou o fato de "duas rainhas que, em uma Quinta-Feira Santa ... entregaram-se a seus prazeres dentro da própria igreja enquanto se celebrava o ofício à vintena". 11 Guilherme de Malmesbury descreveu a nobreza normanda como "muito dada à gula e à volúpia" e que os homens costumavam trocar de concubinas 12 receosos de que a fidelidade viesse a tornar muito monótona a vida da conjugal. Era abundante o número de filhos ilegítimos na cristandade; isso serviu de enredo para centenas de livros. Os heróis de várias lendas da Idade Média eram bastardos - Cuchulain, Anur, Gawain, Rolando, Guilherme, o Conquistador. e muitos cavaleiros citados por Froissart em suas Crônicas. A prostituição ajustava-se aos tempos. Segundo o bispo Bonifácio, algumas mulheres, por ocasião das romarias, ganhavam a sua passagem, vendendo-se nas cidades que atravessavam. 13 Todo exército era seguido de outro exército, o qual era tão perigoso quanto o inimigo. "Os cruzados", relata Alberto de Aix, "tinham em suas fileiras uma multidão de mulheres que usavam roupas de homem; elas viajavam com eles em verdadeira promiscuidade." 14 Disse Emad-Eddin, historiador árabe. que durante o cerco de Acre (1189), "300 francesas muito bonitas ... haviam ali chegado para consolo dos soldados franceses ... pois estes últimos haviam dito que não lutariam se os privassem de mulheres". Ao saberem disso, os exércitos muçulmanos trataram também de imitá-los. 15 Segundo Joinville, os barões da primeira Cruzada de São Luís "instalaram bordéis nas imediações da tenda real" p.732

- O SURGIMENTO DA INQUISIÇÃO

No século XII muitas seitas haviam se espalhado pelo domínio católico, principalmente em resposta à vida rica e desregrada das lideranças da Igreja.

Cito Durant:

“Havia, em meados do século XII, considerável número de seitas heréticas nas cidades da Europa ocidental. "As cidades estão

repletas desses falsos profetas",⁷ disse um bispo em 1190. Milão, sozinha, contava com 17 novas seitas.~ principais hereges ali eram os patarinos - cujo nome talvez se tivesse originado de Pataria, um quarteirão pobre da cidade. Parece que o movimento começara como protesto contra os ricos; transformou-se em anticlericalismo, condenou a simonia, a riqueza e o concubinato do clero e propôs, na palavra de um chefe, "que se apropriassem da riqueza do clero e a vendessem em leilão, e que se saqueassem as casas dos sacerdotes que opusessem resistência, enxotando da cidade esses bastardos". Outros grupos anticlericais surgiram em Viterbo, Orvieto, Verona, Ferrara, Parma, Piacenza, Rimini ... As vezes chegavam a dominar as assembleias populares, apoderavam-se do governo da cidade e obrigavam o clero a pagar um tributo em prol dos empreendimentos *cio vis*.IO Inocêncio III deu instruções a seu emissário na Lombardia para que exigisse de todas as autoridades municipais o juramento de que não nomeariam hereges para as funções públicas. Era uma multidão, em Milão, "blasfemando e injuriando" , "eles profanaram varias Igrejas, com horrível torpeza."”p.688

. Podemos perceber no caso da seita Cátara, como andava a discussão teológica daquele período:

Citar Durant:

“Os Cátatos tinham sua teologia própria, dividiam seu credo em Bem, Deus, Espírito e Céu, e o universo material em Mal, Satanás e Matéria. Era Satanás, e não Deus, o criador do mundo visível. Toda a matéria era considerada um mal, inclusive a cruz em que Cristo morrera e a hóstia sagrada da eucaristia. Segundo eles, Cristo apenas falara em sentido figurado quando dissera do pão, .. Este é o meu corpo" .¹³ Toda carne era matéria e qualquer contato com ela constituía um ato impuro. Toda união sexualera pecado. O coito havia sido o pecado de Adão e Eva.¹⁴ Os albigenses foram descritos pelos seus oponentes, como sendo a seita que não acreditava em sacramentos, missas, veneração aos santos; Trindade e 'concepção da Virgem, e para a qual Cristo era um anjo e não o próprio Deus. Segundo se dizia, repudiavam a instituição da propriedade particular e queriam os bens para todos. II O Sermão da Montanha era a essência de sua moral. Aprendiam a amar os inimigos, a cuidar dos doentes e pobres, a

jamais blasfemar e a manter sempre a paz. Para eles, a força jamais fazia parte da moral, até mesmo contra os infiéis. A pena capital era um crime. Deviam contar sempre com o triunfo de Deus sobre o mal, e não recorrer a medidas condenáveis. Não havia inferno ou purgatório em sua teologia, todas as almas seriam salvas, mesmo que fosse após muitas transmigrações purificadoras. Para se conseguir o céu, ter-se-ia que morrer em estado de pureza; para isso, era necessário receber o conso/amen-tum de um sacerdote cátaro, o último sacramento que purificava a alma. Os crentes cátaros (à semelhança dos primeiros cristãos no caso do batismo) adiavam o sacramento para a ocasião em que julgavam que iam morrer de alguma doença. Os que dela sobreviviam corriam o risco de adquirir nova impureza e morrer sem o conso/amen-tum, razão por que era uma grande infelicidade o restabelecer-se da doença após tê-la recebido. Consta que os sacerdotes albigenses procuravam persuadir um convalescente a morrer de fome a fim de evitar tal infelicidade e, com isso, conseguir entrar no paraíso. Assegurava-se que, às vezes, os sacerdotes matavam o paciente, sufocando-o, com o consentimento dele, a fim de que tivesse a certeza de ir para o paraíso.

A Igreja teria talvez permitido que essa seita cometesse seu próprio suicídio. não tivessem os cátaros se empenhado em atividades contra a Igreja, criticando-a. Negavam que ela fosse a Igreja de Cristo. que São Pedro tivesse ido a Roma e fundado o papado. Para eles, os papas eram os sucessores dos imperadores e não dos apóstolos; Cristo não tinha um lugar onde repousar, enquanto o papa vivia em um verdadeiro palácio. ~ Diziam que Cristo não tivera propriedades nem dinheiro” p.689-690

Mas a Igreja responde com violência a esta realidade.

Citar Durant:

“Dois anos após sua ascensão, escreveu Inocêncio ao arcebispo de Auch, na Gasconha:

na:

'O pequeno barco de São Pedro está sendo sacudido por muitas tempestades no mar. porém o que mais me compunge ... é o fato de estarem surgindo agora, cada vez mais livres e injuriosos.

ministros'que cometem erras diabólicos e tecem arma• dilhas às almas simples. Com suas superstições e mentiras estão pervertendo o sig-nificado das Sagradas Escrituras. procurando destruir a união da Igreja Católica. Uma vez que ... esse erro pestilento se está desenvolvendo na Gasconha e. territórios vizinhos. desejaria que vós e vossos bispos resistissem 'a de com toda a energia ... Damo-vos ordens peremptórias para destruídes todas essas heresias e repelirdes de vossa diocese todos os que estiverem contaminados por elas. empregando para isso todos os meios que puderdes ... Se necessário. podereis obrigar os príncipes e o povo a suprimi-las com a espada” p. 691

A Igreja estrutura sua perseguição aos Hereges:

Citar Durant:

“Geralmente, antes do século XIII, a inquisição dos hereges ficava a cargo dos bispos. Não eram propriamente inquisidores, esperavam que os boatos ou o clamor público apontassem os hereges. Intimavam-nos a ir a sua presença. Sentiam dificuldades em obrigá-las a confessar. Repugnava-lhes utilizar-se da tortura e recorriam ao julgamento do ordálio, ao que parece, na crença sincera de que Deus faria milagres para proteger os inocentes. São Bernardo aprovou esse expediente, e um concílio episcopal, que se realizou em Reims (1157), decretou que dele se servisse como processo regular nos julgamentos dos hereges. Inocêncio, porém, o proibiu. Em 1185, o Papa Lúcio III, descontente com a negligência que os bispos demonstravam na perseguição aos hereges, ordenou-lhes que visitassem as paróquias ao menos uma vez por ano, prendessem todos os suspeitos, considerassem culpados todos aqueles que não jurassem completa lealdade à Igreja (os cátaros recusaram-se a fazer qualquer juramento) e entregassem todos os recalcitrantes às armas seculares. Os emissários do Papa tinham poderes de depor os bispos que se descurassem do combate à heresia. Inocêncio III exigiu, em 1215, que todas as autoridades civis jurassem em público, sob pena de interdição por heresia, "expulsar de suas terras todos os hereges que haviam sido assinados pela Igreja para o animadversio debúa - devida punição". O príncipe que se descurasse dessa obrigação seria destituído, e o Papa eximiria seus súditos de

qualquer obediência a ele. II A "devida punição" consistia então de, apenas, desterro e confisco dos bens. (...)

Depois de 1227, Gregório e seus sucessores nomearam um número cada vez maior de inquisidores especiais para perseguir os hereges. Ele escolhia para essa tarefa os membros das novas ordens de mendicantes, em parte pela sua devoção e vida simples que levavam, em parte porque não podiam depender dos bispos; contudo, nenhum inquisidor deveria condenar um herege a uma pena grave sem o consentimento episcopal. Tantos eram os dominicanos empregados nesse mister que o povo os apelidou de Domini canes - "os cães de Deus" Y A maioria era de homens de moral elevada; poucos, porém, os que possuíam espírito misericordioso. Tinham-se na conta não de juizes que pesavam de maneira imparcial as provas que lhes apresentavam, mas de guerreiros que perseguiam os inimigos de Cristo. Alguns eram zelosos e conscienciosos, como Bernardo Gui, outros sádicos, como "Roberto, o Dominicano", herege parisiense que se havia convertido e que, em um só dia, no ano de 1239, enviou 180 prisioneiros para a fogueira, inclusive um bispo que, num julgamento que fizera, havia dado muita liberdade aos hereges. Gregório suspendeu Roberto de suas funções e condenou-o à prisão perpétua." p. 695-696